



## **Razão Instrumental e Espetáculo: considerações acerca da moderna sociedade industrial.**

Ricardo A. da Silveira\*  
Colégio Mãe de Deus

**Resumo:** O presente artigo visa apresentar as transformações ocorridas no capitalismo nos dois últimos séculos a luz da razão instrumental e do referencial típico do moderno mundo industrial: a sociedade do espetáculo. Estes, aparecem como elementos responsáveis pela concentração de todo o olhar fetichizado, de maneira a construir materialmente uma ilusão religiosa da mercadoria - produção e consumo tornam-se exercícios de fé. Na prisão social construída pela razão instrumental a imagem espetacular, sedutora e narcótica, representa o espaço administrado para a massa de órfãos do mundo desencantado respirarem e sonharem um mundo materialmente melhor.

**Palavras chave:** *Razão instrumental- Iluminismo- Fetice da mercadoria- Sociedade do espetáculo.*

### **Introdução**

O mundo atual é resultado de um longo processo de correlação ou ajuste entre produção e consumo. Desde a emergência de um incipiente mercado global surgido nos idos da Idade Moderna até a consagração do capitalismo mundial, existiram uma série de transformações materiais, sociais e ideológicas impostas as populações mais remotas do planeta. Os avanços tecnológicos, que tornaram possível produzir muito além da nossa real necessidade de consumo, conjugados as modernas formas de ver e sentir o mundo, criaram uma inversão da realidade e dos valores jamais imaginada.

Neste plano global, a ideologia tecnocrática, sustentáculo desta nova sociedade, vai redefinir normas e, pelo uso irrestrito da força, diagramar estrategicamente os diversos pontos do planeta. O que se quer são resultados e estes devem fluir para o bem do capital. Ideologicamente está sendo alinhavado um mundo de progresso alheio aos males terrenos.

A sobrevivência ampliada, fruto destas modernas técnicas de produção e administração da vida, encontrou seu lugar de destaque numa sociedade cujas diretrizes transitaram do ter para o ser, ou seja, do simples conforto material necessário para a manutenção da existência, para o mosaico de possibilidades de aparentar através do consumo. Em outras palavras, enquanto cidadão consumidor, posso extrapolar a minha própria condição de classe, reinventar-me a cada novo dia ou turno, ser todos menos eu mesmo.

A sociedade do espetáculo rearticula o todo social: dos bens duráveis aos simbólicos, tudo é selecionado para condicionar e isolar o ser humano no ventre do sistema. A insatisfação que nega o si mesmo pela via do consumo, tem como principal recurso a imagem:

---

\* Ricardo A. da Silveira é doutor em História pela PUCRS e professor do Ensino Médio do Colégio Mãe de Deus.



a espetacularização da vida como prática e essência. São estes conjuntos de contradições e circunstâncias ideológicas que pretendo analisar a seguir.

### **Razão Instrumental: a ciência a serviço do capital**

A razão iluminista profeticamente anuncia: "crescei e multiplicai-vos" e eis que nasce, sobre o manto sagrado do sacrifício, a idéia burguesa de progresso permanente. Esse pensar que traz progressos desencanta o mundo, abole o medo dos homens transformando-os em senhores. Vencida a superstição, cabe ao entendimento humano - a ciência - comandar a natureza desenfeitiçada, organizá-la pelo saber que é poder, que é técnica a serviço do aparato econômico burguês.<sup>1</sup>

A razão promete a emancipação do homem, mas ao invés de transformá-lo em ser autodeterminado e autônomo, transforma-o, a partir de um intenso processo de instrumentalização, num ser dominado e reprimido. A nascente razão instrumental, amparada pela ciência e pela técnica, tende a controlar incondicionalmente homem e natureza, e a instituir uma dominação 'calculada e calculável' sobre ambos.<sup>2</sup>

A técnica administrada pelo saber dominador tem como objetivo a priori o método, e este, a exploração do trabalho e acumulação do capital. A natureza desenfeitiçada dinamiza as forças produtivas, acelera a produção, enquanto os homens cada vez mais, se vêm subordinados aos processos produtivos articulados pela ciência e tecnologia. Estas, por sua vez, representam a ideologia tecnocrática responsável pela unificação dos poderes políticos e econômicos da sociedade obcecada por capital. Assim,

Os instrumentos de dominação, que devem tomar tudo em suas garras, linguagem, armas e finalmente máquinas, têm que poder ser empunhados por todos. [...] No caminho que vai da mitologia à logística, o pensar perdeu o elemento de reflexão sobre si e hoje a maquinária estropeia os homens mesmo quando os alimenta. (HORKHEIMER, 1991, p. 3-4)

Entre fórmulas, homens e engrenagens, o Estado burguês tem seu caminho iluminado pelo farol da racionalidade que a tudo consome com sua intensa e faminta luz. O mundo do encantamento fica em ruínas e todos clamam por salvação. A ciência moderna encarrega-se de apresentar o projeto de um mundo novo onde a eficácia e a regra agora tomam o lugar dos antigos deuses e mitos.

<sup>1</sup> HORKHEIMER, Max. Conceito de Iluminismo. In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p.3-4

<sup>2</sup> Herbert Marcuse apud FREITAG, Barbara. A Teoria Crítica: ontem e hoje. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 91



O otimismo é a moeda de troca nesta nascente civilização industrial capitalista. Como Pangloss, mestre de Cândido, todos acreditam estar vivendo no "melhor dos mundos possíveis"<sup>3</sup> e que a redenção não tarda a chegar sob tão gloriosos prenúncios de futuro. Mas como tal avanço exige a interiorização do sacrifício modernizador, toda a sociedade se vê à mercê da pesada mão que administra o crescimento do todo social, cujos meios orientam-se pela dominação e alienação.

Neste momento, a sociedade só reconhece a si própria, tudo que não lhe é idêntico desperta suspeitas e deve ser banida pela razão que faz violência. Aquele que não compactua com o projeto modernizante torna-se inimigo do Estado e deve ser combatido pelo terror.

### A Moderna Administração da Vida

A necessidade básica de autopreservação do sistema que se deseja absoluto quer conter o medo sobre o desconhecido, tornar o não idêntico fonte de toda a angústia. O mundo como tábula rasa dá lugar à sociedade completamente administrada: o que é natural deve ser manufaturado, na mesma medida em que o não cognicível deve ser medido, cadastrado e rotulado. Não há lugar para a dúvida – principalmente científica, na moderna engenharia social.

A autoconservação se ativa pela pura necessidade de conservar o próprio eu, de não deixá-lo sucumbir pela morte e destruição. O homem moderno não pode mais dormir sonhando com o paraíso de riquezas materiais, ela precisa tornar-se uma realidade permanente através do mercado de consumo. A outrora Cocanha<sup>4</sup>, perde sua força idílica frente ao atual mercado de homens, coisas e capital. Reificadas no mundo globalizado, as pessoas sentem-se mais cidadãos e participativas. Passeiam livremente nesta sociedade do espetáculo que tem como vetor a emancipação pela compra, a sublimação dos desejos pela imagem materializada, a satisfação pela coisificação dos sentidos. A liberdade torna-se valor de troca.

O que não é reconhecido não pode ser manipulado tecnicamente, é imprevisível e, portanto, deve ser dominado e seu perigo realmente afastado. Para tanto, a natureza, enquanto outro, precisa ser amplamente dominada transformando-se em objeto, em coisa útil, em algo manipulável pelo saber técnico.<sup>5</sup> O eu precisa ser sujeito. Nesta etapa a razão iluminista se mostra como razão paranóica

[...] porque o paranóico só percebe o mundo exterior na medida em que corresponde a seus fins cegos, é capaz de repetir sempre e somente o seu próprio eu, alienado à mania abstrata. [...] A disciplina do sempre igual torna-se o substituto da onipotência. É como se a

<sup>3</sup> VOLTAIRE. Cândido. Rio de Janeiro: Newton Compton, 1996. p.25.

<sup>4</sup> Lenda medieval campesina que traça um paralelo entre o paraíso cristão e o paraíso almejado pelos camponeses.

<sup>5</sup> Utilizar intensamente os recursos do planeta é o modus operandi da moderna sociedade do consumo ampliado.



serpente, que disse aos primeiros homens de se tornarem iguais a Deus, tivesse mantido sua promessa no paranóico. Ele cria tudo a sua própria imagem e semelhança. Parece não ter necessidade de nenhum ser vivo e, no entanto, exige que todos o sirvam. (MATOS, 1989)<sup>6</sup>

Conquistada a natureza, resta agora subjugar os homens sob o mesmo princípio: sendo tudo útil ao homem, o homem também é útil ao homem e deve contribuir para a sociedade através da sujeição à mesma. Estabelecido o programa, cabe ao senhor empreender sobre seus servos um longo e doloroso processo de homogeneização que abrange indivíduos e consciências. Agora a conduta de vida também diz respeito à racionalidade científica.

A burocratização avança a passos largos. A racionalidade contida na especialização industrial e no ethos do trabalho são alçados para o âmbito da esfera administrativa e política. O avanço da burocracia é entendido como avanço do capitalismo e das modernas formas de domínio e controle social - e seu inverso também. O que é instinto vital de vida deve ceder ao princípio de desempenho. Tudo é lentamente diagramado: os papéis sociais são distribuídos sob a aura da racionalidade eficaz, e cada um deste deve ser satisfatoriamente correspondido.

Eficácia significa capacidade contínua de gerenciar aumentos, reposições e acréscimos ao sistema que flui para o capital. Cada novo e cobiçado patamar de crescimento material tem que ser acompanhado uniformemente pelo conjunto. Assim, o capitalismo em seu estágio de reprodução ampliada exige um aumento racional da burocracia e dos métodos de ideologização e regulamentação da vida, com vistas a tornar o todo administrável. Eros e Thanatos são duas faces da mesma moeda, os instintos de destruição irrompem sobre a natureza como força que deseja transformar o inanimado em objeto vivo de consumo. A vida como capital brota como reprodução da mercadoria, da jornada de trabalho e da própria duplicação do ser vivo. Enquanto Thanatos administra o mundo natural produzindo a bomba atômica, resta uma margem de tempo para duplicar ou clonar em laboratório um novo mundo jamais sonhado por Fausto.

Numa sociedade onde as relações sociais são mediadas pela mercadoria que é capital, ter acesso à justiça social e material ampliada (bem-estar geral) é reduzir o grau de liberdade e de consciência. O homem aparece como prisioneiro e carcereiro do próprio sistema que construiu em nome da liberdade, igualdade e fraternidade: tem a capacidade de libertar-se mas, alienado, não consegue vislumbrar uma consciência emancipadora.

O homem enquadrado nesta coletividade renuncia a si mesmo, transforma-se em algo material e desaparece como ser autônomo. As mesmas forças que amenizaram a luta pela existência foram as que reprimiram nos indivíduos a necessidade de libertação. A mesma tecnologia que prolonga a vida de todos, abrevia a liberdade, desgasta os recursos naturais e tolhe nossa humanidade; nos impede de sonhar com uma sociedade mais justa e igualitária. Agora o mundo desencantado é também desumano. Com o aumento da racionalização e da mecanização do processo de trabalho, a atividade do trabalhador tende a transformar-se em atitude contemplativa, os gestos assumem um ar de petrificação nas infindáveis reações automáticas do cotidiano. A vida na modernidade transcorre sobre uma longa esteira de

<sup>6</sup> Max Horkheimer e Theodor Adorno apud. MATOS, Olgária. Os Arcanos do Inteiramente Outro. São Paulo: Brasiliense, 1989.p.148.



produção. Nesta medida, "[...] a existência humana neste mundo é mero recheio, matéria, material, substância que não possui em si mesma o princípio de seu movimento. [...] A consciência, cada vez menos sobrecarregada de autonomia, tende a reduzir-se à tarefa de regular a coordenação entre o indivíduo e o todo". (MARCUSE, 1975, p. 101)

Com o advento da sociedade de massas, período de transição da livre concorrência para a competição regulada, da produção em série, do consumo de massas, surge uma forma impessoal de controle social, uma espécie de sociedade sem pai, ou seja, um mundo sob a autoridade do aparelho de produção. Esta nova etapa pode ser caracterizada pela coletivização forçada da consciência, da força de trabalho e da forma de existir. A sociedade de massas, ritmada pelo processo de produção globalizado, acentua a desumanização através do consumo: o ser humano perde, em escala ascendente, os vínculos com suas necessidades vitais, de forma a sucumbir perante as pseudonecessidades do cotidiano, inventariadas nos muitos discursos publicitários.<sup>7</sup> O desejo consciente da sobrevivência de outrora, cede lugar ao conjunto de novas possibilidades de manutenção da vida: do novo cortador de grama ao celular de última geração, torna-se perceptível o embotamento da idéia do que é necessário e do que é supérfluo para garantir a manutenção da vida. A solidariedade e a reciprocidade, princípios importantes para a preservação do viver em comunidade, seguem agora as diretrizes do mercado; compra, venda, oferta e procura.

### **A sociedade do espetáculo**

Nesta sociedade onde as relações são mediadas pela mercadoria, onde o controle e ideologização dos indivíduos são cruciais para o andamento do sistema, a alienação especializada e massificada aparece em sua forma mais aperfeiçoada como pedagogia da imagem. Assim, este mundo burguês, em constante movimento, formaliza um estado da economia compatível com seu grau de expansão e este, na medida que se amplia, possibilita a organização de um estágio mais avançado e complexo de dominação: o Estado do espetáculo.

Seu teor político é o da democracia de massa, modelo que

[...] não só permite às pessoas (até um certo ponto) escolherem seus próprios senhores e amos, e participarem (até um certo ponto) no governo que as governa, como também permite aos senhores e amos desaparecerem por trás do véu tecnológico do aparelho produtivo e destrutivo que eles controlam, e esconderem o preço humano (e material) dos benefícios e conforto concedido àqueles que colaboram. O povo, eficientemente manipulado e organizado, é livre; a ignorância e a impotência, a heteronomia introjetada, é o preço de sua liberdade. (MARCUSE, 1975, p.14)

<sup>7</sup> MERQUIOR, José G. Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969. p.30-31.



O discurso oficial é o da linguagem espetacular. Interessa agora, a esta sociedade espetacular, construída sobre as marca da produção e do consumo ampliados, organizar uma inversão ascendente do real. Todo o vivido passa a ser representação. A sociedade das modernas condições de produção é também a da acumulação de espetáculos. A sublimação através do consumo é apenas uma tênue face da fetichização da sociedade.<sup>8</sup>

O espetáculo emerge como o setor responsável por concentrar todo o olhar e toda a consciência. Representa o refúgio do olhar iludido e da falsa consciência. Assim, o espetáculo pode também ser referido como resultado e projeto do modo de produção que prevalece. Antes de tudo, é o modelo que domina a atual sociedade como um todo, seus tentáculos alcançam os setores da informação e da publicidade encarregados de prescrever a correta conduta de vida dos homens de boa vontade, os cidadãos. Ela é o centro propulsor do irrealismo social da atualidade amparado na "(...) negação da vida que se tornou visível".<sup>9</sup>

O mundo do espetáculo encarrega-se, portanto, de reconstruir materialmente a ilusão do mito. Produção e consumo tornam-se exercícios de fé. Sonhar é não possuir, mas acreditar na possibilidade da satisfação através da mercadoria. A crença na prosperidade futura continua sendo um alento aos corações das massas de trabalhadores e miseráveis excluídas do principal canal de consumo do mundo da sobrevivência ampliada. A todos cabe trabalhar, produzir, esgotar-se sempre a partir desse objetivo místico. Na prisão social construída pela razão instrumental a imagem espetacular, sedutora e narcótica, representa o espaço administrado para a massa de órfãos do mundo desencantado respirar e sonhar num mundo materialmente melhor.

O espetáculo, nestes termos, é hegemônico e plural. Uniformiza nosso gosto na mesma proporção que domestica nossa visão sobre o mundo. Seu grande potencial instrumental torna-o uma espécie de centro administrativo da sociedade, ou melhor, um catalisador da ordem e dos anseios. Na organização do Estado da economia, o espetacular aparece como instância de representação diplomática: transforma hierarquia e repressão num dispositivo de sociedade democrática da concorrência regulada. Esse caráter central e esse dispositivo são o centro de toda a ideologia existente.

A produção passa a ser isolada da sociedade, é marginal, pois o que precisa ser exposto é o produto final que traz consigo a unidade (mercadoria-valor) e a comunicação (consumo ampliado). O espetáculo nasce do sistema econômico da separação onde tudo é setorizado e ideologizado. A alienação inicia na própria produção: a separação do produtor de seu produto. A unidade e comunicação indicam a montagem de um canal de especialização. A proletarização indica a necessidade de se criar uma sociedade do produto, onde a mercadoria passa a ser a prioridade, passa a "alimentar" a vida, fundamentar a existência. O produto fetichizado, progressivamente, passa a conter o valor puro da imagem, valor enquanto significado fora da produção, daí o seu valor estar condicionado ao exercício do ócio, do prazer, do lazer e necessidade de ascensão social além da produção.

<sup>8</sup> DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.p.13.

<sup>9</sup> idem. op.cit. p.16.



A imagem transpõem o último elo de materialização do produto anulando a condição do humano. O espetáculo, por sua vez, "[...] é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem."<sup>10</sup> A imagem sobrepõem-se a simples idéia de mercadoria. No ápice da materialização é possível produzir valores imateriais de igual importância – consumir determinada marca famosa, por exemplo, é inverter a realidade existente, gerando um sentimento de realização pela aparência transitória – as transformações internas dão lugar as mutações externas. Não é possível mais ser, mas sim aparentar. Nestes termos, o espetáculo se transforma em relações sociais entre pessoas mediadas por imagens.

### Considerações Finais

O ser humano deixou para trás todas as suas antigas premissas básicas de sobrevivência natural em nome da mercadoria e da aparência. O que resta de humanidade é frágil e volátil. As características desumanas avançam na medida em que as necessidades biológicas dão lugar ao consumo e acúmulo de riquezas ilusórias da sobrevivência ampliada.

Apesar de todos os indicadores sociais e ambientais anunciarem a falência do atual modelo de sociedade calcado no consumismo, nenhum novo alento parece surgir no horizonte fumegante de nosso planeta. O ideário assentado na produção e consumo em grande escala ainda se mantém hegemônico e muitos ainda guardam consigo a sensação de viverem no melhor dos mundos possíveis.

A inversão da realidade e dos valores pertinentes à vida, legitimadas por diminutos e voláteis princípios democráticos e igualitários, enraizou-se de tal maneira em nosso cotidiano, que pouco conseguimos ver além do capital. A solidariedade e a reciprocidade, tão importantes para o ideal de coletividade, foram solapados pelo individualismo que se quer único.

Tudo e todos transformaram-se em marcas ou estilos transitórios de vida. O aparelho espetacular usou de sua técnica para diluir o todo social: da televisão ao automóvel, todos os bens foram selecionados para condicionar e isolar as "multidões solitárias"<sup>11</sup>. O homem parece ter atingido o estágio letárgico da sobrevida, sua alienação há muito já está completada.

<sup>10</sup> idem.op.cit.p.25

<sup>11</sup> idem.op.cit.p.23.



---

## Referências

- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FREITAG, Barbara. **A Teoria Crítica: ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- HORKHEIMER, Max. **Conceito de Iluminismo**. In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- MATOS, Olgária. **Os Arcanos do Inteiramente Outro**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MERQUIOR, José G. **Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- VOLTAIRE. **Cândido**. Rio de Janeiro: Newton Compton, 1996.